

# Relações epistolares: a rede de sociabilidade intelectual de Pedro Nava através das cartas

*Greyce Kely Piovesan \**

## Resumo

A organização dos arquivos pessoais tem contribuído para os estudos que envolvem personalidades do mundo cultural e político, aproximando o pesquisador dos documentos e incentivando pesquisas que se utilizam de fontes não-oficiais. Este artigo tem como foco o arquivo de Pedro Nava, concentrando-se na correspondência recebida pelo memorialista no período posterior à publicação de seu primeiro livro de memórias, *Baú de Ossos*, em 1972. Objetivase, com isso, mapear a rede social-intelectual em que Nava circulou e que contribuiu para o reconhecimento de suas obras memorialísticas. A troca epistolar entre Pedro Nava e outros intelectuais serviu como uma forma de aproximação em meio a uma rede de sociabilidade maior. O estudo destas correspondências pessoais permite conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro do período temporal selecionado a partir de um fragmento deste macrocampo.

**Palavras-chave:** Pedro Nava. Epistolografia. Intelectuais. História. Arquivo Pessoal.

## Introdução

Durante muito tempo, leitura e escritura foram estudadas em domínios separados. Mas, nos últimos anos, os pesquisadores têm voltado suas atenções para os escritos ordinários, aqueles pertencentes ao indivíduo, revelando a importância da produção manuscrita no meio popular em diferentes épocas.

As formas são múltiplas: cadernos de segredos e de receitas, registros de contas, diários de família, correspondências, relatos de vida. Esses objetos testemunham as novas exigências de uma economia artesanal e comercial, que supõe cada vez mais o registro escrito das transações e o desejo dos indivíduos de um melhor controle de seu tempo através de uma escritura do presente, produzida dia a dia, e da memória do passado confiada à escritura. (CHARTIER, 1996, p.12)

O arquivo do médico-memorialista Pedro Nava<sup>1</sup> possui muitos exemplos dessas escritas ordinárias: anotações pessoais, documentos referentes ao período escolar, cadernos de viagem, documentos pertencentes a terceiros e, principalmente, cartas dos leitores de seus livros<sup>2</sup>, seus pares ou não.

A correspondência pessoal de um escritor é um espaço que, ao mesmo tempo, define a sua sociabilidade e é definida por ela, permitindo esboçar a rede de relações sociais de seu titular. No caso do memorialista Pedro Nava, as cartas serviram como espaço para manter relações pessoais que se pautavam, ou se iniciavam, em torno de sua obra memorialística. Seus leitores enviaram sugestões, críticas, opiniões e, como era de se esperar, muitos elogios. Dentro dessa comunidade de leitores figuraram diversos escritores e homens de letras<sup>3</sup>, que mostraram em suas missivas suas relações pessoais e profissionais. As cartas ajudam, portanto, para se entender esse pequeno campo letrado e a própria noção de intelectual na sociedade moderna (GOMES, 2004, p.52).

Essas epístolas, além de nos trazerem relatos subjetivos da apropriação dos textos de Pedro Nava por parte dos leitores, nos

ajudam a mapear os círculos letrados que Pedro Nava frequentou, assídua ou esporadicamente.

As cartas de um intelectual permitem vislumbrar a rede de relações sociais de seus titulares, ao mesmo tempo em que define o próprio intelectual a partir dessa rede.

A teia da correspondência de um intelectual permite vislumbrar a tessitura de sua rede pessoal e profissional e, através dela, pode-se caracterizar suas práticas de intercâmbio de idéias, de troca de livros e de divulgação de suas opiniões. Esboça-se assim, através da escrita epistolar parte de sua rede de sociabilidade, permitindo a (re) inserção de suas idéias em ambiente social e cultural. (VENÂNCIO, 2003, p.114)

Pedro Nava atuou de maneira mais efetiva no campo das letras durante a década de 1920 e, posteriormente, na de 1970. O seu círculo de relações pessoais e profissionais envolvia um amplo espectro de “homens de letras”: escritores, jornalistas, poetas, ensaístas, políticos, bibliófilos, entre outros. Mas foi somente depois da publicação de suas memórias que o contato diuturno e a sua inserção no campo cultural brasileiro ou no seio da elite intelectual se tornou mais expressivo em sua trajetória.

## Apresentações epistolares

Ao menos até onde as missivas deixam transparecer, alguns homens de letras não conheciam Nava pessoalmente e foram estreitando os laços de amizade através de cartas. É o caso do jornalista paulista Clóvis Pacheco, que em 18 de fevereiro de 1980 enviou agradecendo, surpreso, a missiva enviada por Nava ao jornal em que trabalhava e no qual publicou artigos sobre as memórias navianas. Na carta, Pacheco se apresentou, contou sobre sua esposa, que no momento era orientada por Antônio Cândido em sua dissertação de mestrado sobre Murilo Mendes e outros poetas. O remetente procurou mostrar em suas linhas epistolares sua inserção em alguns círculos intelectuais e sua familiaridade com o objeto que o

insere também nesse campo letrado, o livro “Somos um casal que cultiva a literatura. [...] Desde rapaz afeiçoei-me aos livros e descuidei de tudo o mais para amear livros. Hoje temos uma biblioteca que Aurélio Buarque de Holanda calculou em oito mil livros há três anos. Cresceu muito depois de sua visita em 1977”.

Clóvis Pacheco contou a Nava sobre suas relações epistolares também com outros intelectuais e escritores:

Coleciono primeiras edições e tenho assim, uma infinidade de livros que valem muito. Igualmente aprecio livros autografados, como acontece com os de Drummond, de quem somos amigos epistolares. Correspondemo-nos há muitos anos. [...] Sempre cultivamos amizades com intelectuais e isso é o nosso prazer maior.<sup>4</sup>

O remetente encerrou seu contato epistolar com uma poesia de sua autoria, “obedecendo ao mesmo mote que o Sr. Vinícius e Bandeira seguiram”, convidando Nava a visitá-lo em seu apartamento em São Paulo, onde teria a “maior satisfação em recebe-lo”, como recebeu Aurélio Buarque há algum tempo atrás.

Nas cartas seguintes, após o recebimento da primeira carta-resposta do memorialista, o remetente já se sentiu mais à vontade e íntimo nos cumprimentos dos códigos epistolares. As cartas de Clóvis Pacheco mostram claramente a evolução da intimidade nos termos de abertura das missivas: a primeira é dirigida ao “Doutor Pedro Nava”, a segunda e a terceira, “Meu Caro Dr.”, sendo que a quarta passou para “Meu querido amigo Pedro Nava”. Uma forte aproximação unicamente epistolar até então.

Paulo Mendes de Almeida também era desconhecido de Nava quando recebeu um livro seu, enviado pelo próprio autor. Ao longo das cartas vemos também o fortalecimento dos laços afetivos, não apenas nos tratamentos e despedidas, que vão de “Caro Pedro Nava” a “Meu amigo Pedrão”, além de referências familiares, como também nos relatos de visitas pessoais à casa do memorialista, juntamente com a esposa, que passou a fazer parte das despedidas epistolares.

Outro Paulo, agora Duarte, enviou de São Paulo uma carta de apresentação dizendo-se já amigo de Nava, por saber dele pelos seus livros e por terem amigos de amigos em comum: “É evidente que você é meu velho conhecido. E amigo também. Pelos seus excelentes livros *Baú de Ossos* e *Balão Cativo* e, mais ainda, pela nossa amizade comum de Maria Amélia e Sérgio Buarque”. Essas amizades em comum serviram para aproximar os homens e mulheres de letras entre si. As cartas nos mostram como a circulação de nomes e obras de outros escritores se movimentavam no universo dos letrados, legitimando e incluindo outros intelectuais nele.

A análise dos códigos epistolares também passa pelo suporte sob o qual se elabora uma carta. Muitas das cartas enviadas a Nava foram escritas num papel com o nome do remetente timbrado, na parte superior ou final da folha, mostrando a existência de uma cultura da escrita epistolar que se utilizou de suportes específicos para se desenvolver.

O amigo mineiro Otto Lara Resende, o bibliófilo paulista José Mindlin, a conterrânea mineira Rachel Jardim, o jornalista Clóvis Pacheco, a filha do amigo Carlos, Maria Julieta Drummond de Andrade, o adido cultural do Brasil no Uruguai José Guilherme Merquior, o procurador Olavo Drummond e o jornalista Emil Faraht são alguns dos remetentes profissionais que enviaram seus escritos em papéis específicos para o uso epistolar.

Estes suportes personalizados para a escrita de cartas fazem parte de uma passagem de uma escrita de ordem menos privada, mas não menos de si, para uma escrita mais pública, mais profissionalizada, o que nos permite uma interpretação dos processos, das práticas, dos gestos envolvidos nas escolhas e nos usos desse ou daquele suporte (HÉBRARD, 2000, p.29).

Outra forma de agrupar as missivas seria através do que Michel Trebitsch denominou de correspondências-laboratório (TREBITSCH, 1992), em que as ideias trocadas pela via epistolar fazem parte do próprio trabalho intelectual. Estas cartas são destacadas tanto por sua função de estímulo, inspiração e desenvolvimento do trabalho

intelectual quanto pelo seu conteúdo, pois ele próprio é constitutivo desse trabalho. Este conjunto contém as epístolas que tratam de questões de cunho intelectual: opinião sobre os livros de Nava e de outros autores, sugestões de mudanças nas memórias, convites para entrevistas, artigos e prefácios, intercâmbio de livros e outras estratégias de divulgação da obra do autor.<sup>5</sup>

O cronista Rubem Braga, que juntamente com Fernando Sabino e Otto Lara Resende fundou em 1968 a Editora Sabiá que editou o primeiro livro de Nava, enviou elogios e sugestões para Baú de Ossos em uma epístola:

p. 279: deve ser cúmulo onde está cumulus. Pag. 225: está mal diagramado: a nota de pé-de-página está mal separada do texto, e não há sinal de que passa de uma página para outra. Acho que a leitura do livro seria melhor se uma bôa parte das notas genealógicas ficassem para fim de capítulo ou fim de livro, assim como a numeração de fundadores e membros da Padaria Espiritual. Estou seco para ler o segundo volume. Abraço.

Neste caso o remetente tinha a liberdade por ser o editor. Mas outros remetentes-leitores também quiseram dar suas sugestões ou participar do fazer literário.

O escritor Marques Rebelo em 12 de março de 1973, além dos elogios a Baú de Ossos apontou erros de grafia e de nomes de bichos presentes no livro, como o episódio da jiboia que comeu um touro, descrito por Nava que “nem uma sucuri conseguiria comê-lo na ocasião”. E continuou: “não sei se vale a pena alterar uma página tão bem escrita, mas não verdadeiramente científica”.

Por várias vezes durante a leitura das missivas enviadas a Nava, nos defrontamos com notícias de envio de livros a ele. Alguns de escritores menos conhecidos que usavam a remessa como estratégia de divulgação e conhecimento de sua obra dentro de círculos intelectuais já consagrados, outros de homens de letras já reconhecidos como tal, mas que também esperavam uma resposta, de preferência positiva, do médico-memorialista. Isso fica bem

claro, no trecho da epístola de Miguel de Almeida, falando sobre seu livro de poemas *Dobrando Esquinas*: “queria que você gostasse, eu ficaria muito contente. te ligo no final de semana. Abraços.”<sup>6</sup>

As cartas do jornalista Clóvis Pacheco para Nava também trouxeram outros pontos comuns aos missivistas de Pedro Nava: pedidos relacionados às memórias. O jornalista anexou um bilhete escrito à mão pedindo ao destinatário como poderia enviar-lhe os livros para que autografasse, dizendo já ter feito isso até com Carlos Drummond. Dificilmente, Nava negaria um pedido que já havia sido aceito até pelo mais arredo dos escritores mineiros de sua geração!

Nas cartas podemos ver também a formação de uma rede de distribuição de livros entre Nava e seus pares. O próprio memorialista enviou vários exemplares de suas memórias aos seus leitores-escritores. Os jornalistas Miguel de Almeida, Edgar de Alencar, Otto Lara Resende, Clóvis Pacheco foram alguns dos que receberam as memórias a domicílio. O jornalista-remetente Miguel de Almeida enviou de São Paulo notícias a Nava sobre a circulação de seus livros. Ao que tudo indica, o memorialista havia enviado um livro de sua autoria a Almeida para que entregasse a Mário da Silva Brito, estudioso e crítico literário: “nava, recebi sua carta e já envio o livro ao Mário da Silva Brito. o lançamento em São Paulo foi ótimo, muita gente. vou em breve ao Rio e teremos bom teço de prosa. abraços saudosos.”

O amigo Otto Lara Resende escreveu pedindo o envio de um exemplar a um amigo comum:

Pela undécima vez, o Hélio Pólvora, que Você conhece da leitura no JB, me garante que não recebeu o seu Baú. E sustenta que é discriminação anti-baiana, ou pelo menos contra Itabuna. Pela undécima vez, prometo ao Hélio reclamar de Você a correção desse equívoco. Agora reclamo mesmo. Será que V. pode mandar-lhe um exemplar da segunda edição? Ele ficará por certo fulminado pela imensidão desse vitorioso Baú.<sup>7</sup>

A troca epistolar exigia dos missivistas: escrever, ler, responder e guardar cartas. Também os códigos de comportamento ditavam as

regras que, após receber um “mimo” (no caso, os livros de Nava), o destinatário precisava escrever ou ligar agradecendo e juntamente com o agradecimento vinham as considerações do leitor.

O ato de ler é uma prática de articulação e, não, de reconstituição do sentido de um texto. Uma prática que sendo individual, orienta-se pelas opções coletivas disponíveis em certo contexto político-cultural, o que permite verificar que todo texto é lido em função de outros e em função de algumas idéias que mobilizam mais um indivíduo ou grupo, constituindo uma certa tradição que se segue ou rejeita. (GOMES, 2004, p.71)

Edgar de Alencar, escrevendo do Rio de Janeiro, agradeceu em 1979 o envio de Beira-mar e em 1981 por Galo-das-Trevas, afirmando: “No meu modo se sentir (como leitor, é claro) você é o maior fenômeno das letras brasileiras de todos os tempos. (...)”.<sup>8</sup> Paulo Mendes de Almeida também acusou o recebimento de Baú de Ossos, em 1973, tendo-o recebido mesmo sem conhecer Nava pessoalmente: “[...] aliás, não foi surpresa para mim, embora conhecesse como todo mundo somente as pouquíssimas coisas que a sua avareza permitiu que viesse a lume. Espero ter, um dia, o prazer de vê-lo, de conversar com v., de ouvir de v. mesmo, as fabulosas histórias de Pedro Nava que nossos amigos me contam”.<sup>9</sup>

O advogado e escritor Paulo Duarte nos informou sobre um artigo publicado por Nava no Jornal do Brasil elogiando seu livro Razões de Defesa por ter Vivido. O remetente contou que enviou o livro ao memorialista, mas, não obteve resposta, nem acusou o recebimento, foi quando teve a surpresa de um artigo no jornal. Na mesma carta enviou outro livro, pedindo que Nava emitisse sua opinião sincera com “franqueza que usasse, seria uma colaboração”.<sup>10</sup>

A escritora Rachel Jardim, lançando-se como memorialista, enviou o livro Os anos 40 ao já consagrado escritor de memórias e pediu uma resposta: “Pode devolver o livro pelo correio, se quiser, com uma palavra apenas: Li. Ficarei feliz”.<sup>11</sup>

Olavo Drummond em 1983 escreveu a Nava agradecendo a apresentação que fizera ao seu livro Ensaio Geral, que haveria “de

fulgir com a iluminação dos seus conceitos.”<sup>12</sup> Esses pedidos de apresentações e orelhas de livros também eram constantes nas cartas enviadas a Nava, principalmente se tratando de escritores com uma obra não muito divulgada nos meios culturais.

Em carta de 24 de janeiro de 1980, o amigo mineiro altamente envolvido com as querelas intelectuais das décadas de 1970 e 1980, Otto Lara Resende, escreveu a Nava dizendo ter recebido “um bilhete seu, de fim de ano, registro do recebimento do livrinho que lhe mandei, Vila Boa de Goiás”.

Nas missivas encontramos também alguns pedidos de indicações de leitura ou esclarecimentos acerca de assuntos que Nava dominava:

Por uma leviandade incrível, assumi o compromisso de falar sobre memorialística brasileira, num próximo dia em setembro. Guguta (Brandão) me pegou no enterro do Vinicius, entende-se. Na hora não me dei conta. Agora queria saber se V. não poderia me indicar algum texto seu (não precisa ser inédito), uma entrevista, qualquer coisa como esse da FSP, sobre ‘por que escrever memórias’. Se for preciso explico melhor ao telefone.<sup>13</sup>

Nas cartas desses homens de letras também existem notícias acerca de produções de terceiros, mas, geralmente, um conhecido em comum do remetente e do destinatário: “O Fernando está a todo vapor preparando uma promoção avassaladora para a entrada de ‘O gato sou eu’, que já li nos originais (são crônicas de jornal).”<sup>14</sup>

Em uma das poucas cartas escritas por Nava que tiveram seus rascunhos arquivados está uma direcionada a Oscar Niemeyer, com data de 21 de setembro de 1977. Ela nos traz mais relatos sobre as amizades intelectuais do memorialista. Com ela Nava agradeceu a remessa de um livro sobre a vida e a arte do arquiteto. “É uma honra ser contemporâneo e amigo de homens como o Drummond, o Portinari e Você. Principalmente quando se recebe uma dedicatória como a sua e o tratamento de amigo”.<sup>15</sup>

Os pedidos de livros autografados ou com dedicatórias também ocuparam lugares nas linhas epistolares direcionadas a Nava. Em carta de 25 de junho de 1976, o contumaz missivista Otto Lara pediu ao amigo “sem constrangimento” para pegar um exemplar na “Zé Olympio e dedicar a Luis Eduardo Borgerth” e enviá-lo a “TV Globo, na rua Lopes Quintas, 303, 10º andar. Ou aos meus cuidados, no mesmo endereço, o que evita desvio e roubo”. A carta seguinte vai pedindo ao “Nava querido”: “aqui vão três exemplares do Chão de Ferro que prometi a três amigos, com a dedicatória do autor. Posso merece-la?”

Os pedidos de intercessão de Nava junto a outros intelectuais foram assuntos de algumas missivas recebidas pelo memorialista.

Edgar de Alencar em junho de 1982 enviou, acompanhado de uma cartinha, folhetos de Cordel de sua autoria, pedindo a Nava que entregasse alguns ao Plínio Doyle, para que este distribuisse aos Sabadoylianos: “Mas o seu e do Drummond vão antes”.<sup>16</sup>

O então procurador da República e homem envolvido com as letras brasileiras, Olavo Drummond, também pediu o auxílio de Nava para que umas linhas de sua autoria chegassem às mãos do poeta itabirano: “Estou acompanhando emocionado as homenagens que o país presta a CDA. Na televisão ele se confessou agnóstico. Daí surgiu o bilhete-poema, que eu lhe envio. Mande, também ao nosso Carlos, mas estou certo de que a avalanche de correspondência que o sufoca, há de impedi-lo de tomar conhecimento da homenagem de minha inspiração.”<sup>17</sup> Talvez se chegasse pelas mãos de Pedro Nava o homenageado leria.

Outro exemplo é o de Paulo Mendes de Almeida que pediu para que Nava intercedesse junto a Drummond, o poeta pouco sociável:

Tenho um favor muito chato a lhe pedir, ou melhor, o que desejo é que v. complete um favor chato que já lhe pedira. Trata-se do seguinte: até hoje (desde novembro) o Carlos Drummond sequer acusou o recebimento do meu livro. Teria o Plínio Doyle se esquecido de fazer-lhe a entrega? V. poderia bater um telefonema para o Carlos? Seria pedir-lhe demais?

Mandei-lhe o livro por conter muitas referencias ao Poeta e a fatos de que ele foi protagonista. Julguei que tinha até mesmo o dever de enviar-lhe um exemplar, tanto mais quando, embora distantes, nossas relações são bem [?] e as mais cordiais. Mas não seria delicado que eu lhe fizesse a pergunta. Não lhe parece?<sup>18</sup>

Maria Julieta Drummond também pediu ao amigo Nava para interceder junto a outro intelectual<sup>19</sup>, enviando com sua carta uma cópia da que havia mandado a Antônio Cândido, que não obtivera resposta. A remetente não escreveu, mas provavelmente era para que Nava fizesse o contato por ela.

O círculo intelectual que o médico-memorialista frequentou, o Sadoy<sup>20</sup>, os amigos da Rua da Bahia<sup>21</sup>, os jornalistas e escritores mais falados pelos divulgadores culturais, era composto, grande parte, pelo universo masculino. E as cartas recebidas refletem essa esfera pública e masculina. No arquivo de Pedro Nava as cartas femininas remetidas a ele são na maioria de mulheres que foram leitoras ordinárias. Os nomes femininos mais conhecidos entre as missivistas são: Lygia Fagundes Telles, Rachel Jardim, Rachel de Queiróz (prima de Nava) e Maria Julieta Drummond.

A correspondência com Raquel Jardim, sua conterrânea de Juiz de Fora, tratou principalmente do funcionamento do Conselho Municipal de Proteção Cultural do Rio de Janeiro. Pedro Nava, ao assumir a presidência desse Conselho<sup>22</sup>, chamou Rachel Jardim, que já era funcionária pública, para ser sua secretária executiva. Em uma longa carta datada de 9 de agosto de 1983, a também memorialista explicou-se sobre situações ocorridas no Conselho, falando “não ao chefe, mas ao amigo, ao médico, ao ser humano de rara qualidade”. Rachel Jardim não foi somente secretária do Conselho, lançou-se escritora em 1973 com um livro de memórias além de ter em suas cartas a Nava assuntos ligados às publicações que estava organizando. Entre elas uma antologia chamada Mulheres e Mulheres, na qual o médico-memorialista teria reservadas algumas linhas.

A filha querida de Carlos Drummond de Andrade, Maria Julieta, além da amizade com Nava, herdada do pai, também serviu

como ponte entre o memorialista e editores argentinos, que lançaram uma seleção de suas memórias no livro *Poliedro*. Suas cartas foram repletas de afetuosidade e referências familiares.

A escritora Lygia Fagundes Telles tem duas cartas suas arquivadas por Nava, uma rápida em forma de telegrama, parabenizando o memorialista por algum prêmio recebido e outra, escrita à mão, exaltando o escritor: “Aí está a prova das suas pompas e glórias em terras bandeirantes. Beijo”.<sup>23</sup>

### O homem e a obra, os dois vão sempre juntos<sup>24</sup>

“Diante do monumento de solidez e eternidade que é a pena, que é a obra, que é o texto de Pedro da Silva Nava. Gigante! Gênio! Seu humilde indigno servo e leitor.” Foi com essas palavras que Otto Lara Resende encerrou sua carta de 1 de setembro de 1978, louvando a obra e estendendo para o autor o louvor.

As cartas são capazes de apresentar um testemunho registrado no momento da leitura ou logo depois dela, dando ao pesquisador a oportunidade de visualizar o relato sem depender apenas dos depoimentos orais apoiados na memória dos leitores. Segundo Trebitsch, as cartas são uma das raras fontes escritas sobre um modelo de relações sociais dominada pela oralidade (TREBITSCH, 1992).“

O estudioso da literatura, Antonio Cândido, em 1976 escreveu a Nava demonstrando sua admiração pela obra e estendendo-a ao próprio escritor, enviando a palestra que faria em Belo Horizonte na Semana de Estudos Mineiros. Disse que gostaria de falar só de Nava na palestra, mas teria que falar da universalidade da literatura mineira contemporânea e enviou junto um ensaio a publicar que seria essa a “primeira tentativa que vale como oportunidade para dizer publicamente numa boa ocasião” o que pensava sobre a obra “extraordinária”.

As memórias de Pedro Nava fizeram parte de memórias de toda uma geração que viveu o mesmo período. As epístolas que

trouxeram elogios à obra naviana por muitas vezes também trouxeram reminiscências do signatário. “Como o tempo passou depressa meu amigo! Como éramos jovens e o mundo nos parecia melhor! Com você, levado por você, estou passeando pela Lapa dos nossos velhos tempos! [...] Bons tempos Nava”.<sup>25</sup>

As memórias renderam muitas linhas nas cartas remetidas a Pedro Nava. E um assunto recorrente em relação a elas era sobre a vinda dos outros volumes. Para exemplificar usamos novamente uma carta de Otto Lara, que, em 1983, cobrou o próximo volume: “por que o seu livro não foi lançado lá? [na Feira do Livro em Copacabana] Espero que saia logo. Apresse o editor, para que não nos negue esse presente de Natal”.<sup>26</sup>

Através da correspondência é possível estudar a constituição de uma rede de contatos que permitem situar Pedro Nava como integrante de produções culturais que por vezes extrapolaram os limites nacionais, como foi o caso da publicação de seus livros no exterior. Maria Julieta Drummond de Andrade trabalhou na organização de uma coletânea da obra de Nava que foi lançada em língua espanhola sob o título de Poliedro. Em 1979 ela enviou uma epístola informando o destinatário sobre a postergação do lançamento do livro.

Também de Buenos Aires, Alejandro Rodriguez Bustamante, que dirigia a *Revista Brasil-Cultura*, enviou uma carta informando Nava sobre uma tradução que fizera para tal periódico:

[a tradução] nos há arrancado sangre, sudor y lágrimas. [...] Así como hemos editado em B-C el tema de las cocinas de sua abuela, cualquier otro trabajo sobre usos y costumbres, sobre características de su pueblo o reflexiones sobre su geografía, nos interesa. También cabría la posibilidad de incluir en nuestra sección Antología textos breves o fragmentos de obras mayores.<sup>27</sup>

José Guilherme Merquior, correspondeu-se com Nava durante sua estada em Londres e principalmente quando foi adido cultural do Brasil no Uruguai e em 1980 organizou, juntamente com Maria

Julieta, a viagem para que o memorialista difundisse sua obra.

Logo após a publicação de *Poliedro*, chegou a Nava uma boa notícia: um artigo elogiando a obra publicado por María Esther Vázquez no jornal *La Nación*.<sup>28</sup>

## Consultas epistolares

O médico Pedro Nava foi muitas vezes evocado por seus missivistas. Em suas memórias, como não poderia deixar de ser, a medicina ocupou grande espaço de suas linhas. São relatos dos tempos da faculdade ou do consultório numa narrativa repleta de termos médicos e um método investigativo muito próximo da área médica. “O olhar do narrador se aproxima do olhar do médico” (LIMA FILHO, 1993, p.39).

Otto Lara Resende, em uma carta<sup>29</sup> pediu a Nava: “quem sabe Você pode dar uma orientação [sobre diálise] ao Marco Aurélio? Ele enfrenta a doença com destemor, como lhe disse”. Outro missivista<sup>30</sup> contou detalhadamente suas aporrinhações físicas:

Estou há anos tomando dilatadores e Hisgroton Reserpina. Depois de usar Isordil por muito tempo, um médico do Hospital dos Servidores me receitou Dilacorón 40, três ao dia. Mas o que me judia mesmo é a artrose nos dois joelhos [...] Eu não me queixava mais da artrose, mas voltou quando um médico nosso amigo esteve à morte eu passei a noite toda na ante-câmara dele, como num velório. E a partir daí meu estado se agravou novamente. [...] Já tenho feito infiltrações, mas o meu ordopedista me disse que não podem ser muito frequentes. Contento-me com injeções, supositórios e capsulas de Profenid. [...] Numa das vezes que estive internado, sofri quatro paradas cardíacas.

E assim seguiu por mais seis parágrafos. Talvez esperasse uma resposta do médico ao relato de seus males do corpo.

Outro escritor amigo de Nava, Dalton Trevisan, ocupou muitas linhas escrevendo sobre seu estado de saúde ao médico-memorialista. São cerca de 20 missivas que incluíram exames e ra-

diografias, além do detalhamento das consultas a outros colegas de Nava e dos remédios que estava tomando. Verdadeiras consultas epistolares!

De São Paulo também vieram pacientes-missivistas, um deles esboçando com certo humor o que somente um médico poderia entender:

Hoje escrevo são seis da tarde. não fui trabalhar: um dente infeccionado me deixou com cara de buldogue – aliás, se fosse cara de buldogue até eu ia, mas como é um lado só, fica meio capenga, nada estético. o dentista me aconselhou a bocejar – ou buchechar? – dia inteiro, com água quente. é o que faço há horas. me sinto ridículo a cada meia hora esquentando água na cozinha, pondo numa caneca e subindo escadas em direção ao banheiro. lá, me sinto mais cretino: encho a boca d’água quente e oh – rosorosoros (é o barulho da água na boca!) não me aguento olhando no espelho. a cada situação a gente é posto por causa duma doençinha besta. a culpa é minha, me entrego. faz tempo que a dentista (é mulher, a safada) manda recados pela claudia: oh, esse seu dente vai dá problemas. deu, né? fiquei duas noites sem dormir, uma dor filha da puta, funda, funda, nenhum remédio dando jeito. e olha que ara dia, ou melhor, fim-de-semana que eu ia ao rio. já pensou que desgraça maior?

O humor na escrita está relacionado com uma certa intimidade do desabafo que se fez ao médico. E o amigo Otto Lara Resende, sempre com sua escrita muito humorada (no sentido bom e mau), em 6 de maio de 1974 escreveu: “estou numa gripe feia. E num mood de segunda-feira. Do fundo do poço, ainda sabendo que a vida vale a pena para admirar pessoas como Você e obras como a sua”.<sup>31</sup>

São coisas que só assentam bem numa epístola<sup>32</sup>

Mario de Andrade não fora o único a expressar melhor suas opiniões através de sua persona epistolar (PIRES JUNIOR, 2004, p.42). Alguns dos missivistas de Nava trataram nas cartas de assuntos delicados de se dizer pessoalmente. Um exemplo é o caso de Rachel

Jardim que, logo após ter falado no telefone com Nava, desabafou seus sentimentos numa missiva: “Confesso que depois de falar ao telefone com você, considere-me a pessoa mais injustiçada do mundo.” Numa carta de seis páginas conseguiu escrever tudo o que não conseguiu falar ao telefone.<sup>33</sup>

Outro remetente<sup>34</sup>, “com a intimidade respeitosa que as amizades realmente sentidas conferem aos interlocutores”, pediu a Nava intervenção numa questão delicada. Já havia enviado seu currículo ao Francisco de Assis Barbosa para que lhe conseguisse um cargo na Fundação Casa de Rui Barbosa. O signatário dizia encontrar-se em “estado de calamidade econômica plena”, sem “nenhuma hipérbole!” A gravidez de sua esposa dificultou ainda mais sua frágil situação financeira, dando um “toque de doce barbárie a ela.” Sua vida acadêmica e seus contatos universitários estavam defasados pela longa estadia na Europa e na sua volta presenciou “o anti-espetáculo dos grupos constituídos, os feudos demarcados, as capitânias espirituais acaparadas”. Se não fosse a amizade que construiu com Nava, com Francisco Iglésias e com Alceu Amoroso Lima, sua “solidão sócio-intelectual conquistaria um recorde planetário!” Após tentar diversas Instituições de pesquisa, não obteve o menor sucesso. Assim é que, “respeitando muito afetiva e intelectualmente” Pedro Nava, decidiu escrever-lhe a tal missiva, sem querer, de forma alguma, constranger o amigo. Após a devida introdução, pede a intercessão do memorialista junto a seu colega Jamil Haddad. O autor da carta diz que o prefeito tem um bom trânsito junto ao Brizola e ao Darcy Ribeiro, que poderiam coloca-lo no âmbito municipal ou estadual. E finaliza: “Como vê, são coisas que só assentam bem numa epístola”.

Com a carta, o remetente sentia-se menos invasivo, com mais tempo para programar e organizar sua fala e seus argumentos. Na carta seguinte o mesmo signatário escreveu sobre seus bons pensamentos a respeito da figura de Nava enviando juntamente seu currículo: “sei perfeita e absolutamente que se bastasse o império de seu coração, minha incorporação estaria assegurada. Ainda uma vez mais, muito obrigado por tudo!”.

Muitas das missivas que integram o arquivo de Nava, não tratam de assuntos extensos, nem diretamente sobre a obra memorialística. Sob esta classificação, podemos colocar as cartas curtas de felicitações pelos aniversários de Nava, principalmente seu octogésimo aniversário, que foi comemorado com entusiasmo pelos intelectuais mineiros, pelos sabadoylianos<sup>35</sup> e pela elite intelectual em geral. Francisco Iglesias na ocasião escreveu: “como todo cidadão brasileiro, estou hoje embandeirado na comemoração dos seus oitenta anos. Gloriosos oitenta anos! Vida de trabalho, exercício constante da inteligência e da dignidade, entrega ao próximo, tudo em função da causa pública, ou, simplesmente, do homem. [...] Bem, esta é apenas para o meu abraço de aniversário. Tudo de bom, caro amigo”.<sup>36</sup>

Nesse tipo de correspondência ordinária, importante para manter a rede de relações sociais em dia, incluímos os convites para eventos sociais, os cartões de Boas Festas, felicitações por Prêmios recebidos e por aniversários. Um exemplo é um cartão de Darcy Ribeiro desejando vida longa e felicidades ao memorialista<sup>37</sup>, único registro do remetente.

Neste grupo também colocamos os convites recebidos pelo memorialista para estar em eventos sociais: “Hoje, queda da Bastilha, o Walter Clark faz 40 anos. Gostaria de ter Você entre os amigos que vão com ele tomar um drink, no Country, a partir das 19 horas. Você é peçoço forte, Nava”.<sup>38</sup>

As epístolas recebidas por Pedro Nava podem ser bons instrumentos de abordagem de sua sociabilidade intelectual, pois são uma das raras fontes escritas segundo um modo de relações sociais dominado pela oralidade. Desta forma, o estudo da correspondência social de Pedro Nava, presente no arquivo do autor, permitiu, de maneira fragmentária como é própria desse tipo de fonte, mapear a sua rede de relações pessoais, marcada também por outros lugares de sociabilidade intelectual.

As cartas, na sua maioria são datadas do período posterior a publicação das memórias, pós 1972. Mas em seus conteúdos trouxeram relatos de encontros entre Nava e homens ligados às

letras antes mesmo deste período, e posterior aos anos 1920, como é o caso de Afonso Arinos, Otto Lara Resende, Carlos Drummond e Juscelino Kubitschek.

A escrita epistolar para os escritores e homens de letras contemporâneos de Pedro Nava serviu como uma prática para estabelecer e manter uma rede de relações profissionais e intelectuais que por muitas vezes alcançaram o campo afetivo e adentraram no território do privado. As correspondências nos propiciaram encontrar no arquivo indícios de uma forma específica de sociabilidade, para além dos lugares de consagração intelectual.

Mesmo com a difusão do telefone, as conversas epistolares faziam parte de uma cultura que utilizava o suporte do papel para estabelecer e manter os vínculos afetivos e profissionais. As palavras abaixo, escritas por um remetente de Nava, nos mostram como a carta foi muitas vezes o melhor meio de comunicação, não pela agilidade, mas pela condição de sua leitura:

Volvo a nosso pré-diálogo epistolar. O telefone, particularmente falando consigo, soa-me demasiado brusco, excessivo, imperdoavelmente intromissivo. Tenho sempre a sensação penosa de estar interrompendo algo fundamental. De estar retendo o curso da nave contínua. E vejo-me na miserável condição de freio da *intelligentzia*. Assim é sou compelido a missivar.<sup>39</sup>

Afinal, a carta é lida no momento em que o destinatário quiser e não naquele imposto pelo interlocutor, no tocar do telefone.

## Notas

\* Mestre em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>1</sup> O Arquivo Pedro Nava está depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. O acervo foi iniciado pelo próprio memorialista com as doações de cartas de seus familiares e os originais de seus livros de memórias. Atualmente, os pesquisadores podem ter acesso, mediante autorização da família, aos documentos e objetos que fazem parte desse arquivo pessoal. O Inventário do arquivo está publicado: VASCONCELOS, Eliane (Org.). Inventário do Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

<sup>2</sup> Júlio Castañon Guimarães destacou a grande quantidade de documentos presentes na série correspondência pessoal do memorialista, são 3.301 cartas. GUIMARÃES, Júlio

Castañon. Pesquisa em acervos literários. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB\\_JulioCastanonGuimaraes\\_Pesquisa\\_acervos\\_literarios.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB_JulioCastanonGuimaraes_Pesquisa_acervos_literarios.pdf)  
Acesso em: 10 out. 2008.

<sup>3</sup> Ao investigar a definição do significado da expressão “homem de letras”, Roger Chartier afirma que, durante o século XVIII, alguns intelectuais idealizaram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes. Entretanto, se essa era a imagem ideal do homem de letras, a ela correspondia, desde o século XVIII, uma outra, mais real e cotidiana, marcada justamente pelas estratégias de intercâmbios intelectuais. CHARTIER, Roger. “O homem de letras”. In: VOVELLE, Michel (Dir.). *O homem do Iluminismo*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

<sup>4</sup> Carta de Clóvis Pacheco a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1980. PN 673/AMLB/FCRB

<sup>5</sup> A historiadora Giselle Martins Venâncio rastreou no conteúdo das cartas enviadas a Oliveira Vianna este tipo de assunto.

<sup>6</sup> Carta de Edgar de Alencar. S.l. e S.d. PN 26/AMLB/FCRB.

<sup>7</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1973. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>8</sup> Carta de Edgar de Alencar a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1981. PN 19/AMLB/FCRB.

<sup>9</sup> Carta de Paulo Mendes de Almeida a Pedro Nava. São Paulo, 9 de janeiro de 1973. PN 28/AMLB/FCRB.

<sup>10</sup> Carta de Paulo Duarte a Pedro Nava. São Paulo, 16 de fevereiro de 1976. PN 321/AMLB/FCRB

<sup>11</sup> Carta de Rachel Jardim a Pedro Nava. S.l. e S.d. PN 471/AMLB/FCRB.

<sup>12</sup> Carta de Olavo Drummond a Pedro Nava. São Paulo, 22 de novembro de 1983. PN 318/AMLB/FCRB.

<sup>13</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1980. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>14</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>15</sup> Rascunho de carta provavelmente enviada a Oscar Niemeyer. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1977. PN652/AMLB/FCRB.

<sup>16</sup> Carta de Edgar de Alencar a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1982. PN 19/AMLB/FCRB.

<sup>17</sup> Carta de Olavo Drummond a Pedro Nava. São Paulo, 9 de novembro de 1982. PN 318/AMLB/FCRB.

<sup>18</sup> Carta de Paulo Mendes de Almeida a Pedro Nava. São Paulo, 28 de março de 1977. PN 28/AMLB/FCRB

<sup>19</sup> Carta de Maria Julieta Drummond de Andrade a Pedro Nava. Buenos Aires, 23 de março de 1980. PN 40/AMLB/FCRB.

<sup>20</sup> Sabadoyle foi o nome dado as reuniões nos sábados a tarde na casa do bibliófilo Plínio Doyle. Esses encontros foram frequentados por grande parte da elite intelectual brasileira entre 1964 e 1998. Entre os frequentadores estavam Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Mário da Silva Brito, Raul Bopp, entre outros. Homero Senna publicou em 2000 uma publicação que trata da história dessa confraria literária. SENNA, Homero. *O Sabadoyle: histórias de uma confraria literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

<sup>21</sup> Os Rapazes da Rua da Bahia formavam o grupo modernista no qual Pedro Nava fez parte no início dos anos de 1920 em Belo Horizonte. Muitos desses moços passaram a fazer parte da elite intelectual e política brasileira alguns anos mais tarde.

<sup>22</sup> Segundo Vasconcellos, a preocupação e o interesse de Nava pelo patrimônio histórico da cidade que escolhera para viver era tamanho que, ao ler a notícia publicada em O Globo de 11 de abril de 1970, de que o elevador do Santa Bárbara poria abaixo algumas residências do Catumbi, dirigiu-se ao bairro para apreciá-las pela última vez. Em seu recorte de jornal, desenhou um croqui das ruas percorridas e fez a seguin-

te anotação: “Fiz este passeio a 12.IV, para me despedir das velhas casas que vão cair”. VASCONCELOS, Eliane. “De bissexto a contumaz. O arquivo pessoal de Pedro Nava.” In: \_\_\_\_\_ (Org.). Inventário do Arquivo Pedro Nava. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001. p.20.

<sup>23</sup> Carta de Lygia Fagundes Telles a Pedro Nava. Rio de Janeiro, novembro de 1983. PN 903/AMLB/FCRB.

<sup>24</sup> Expressão usada por DARNTON, 1996, p.161.

<sup>25</sup> Carta de Oscar Niemeyer a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1981. PN 652/AMLB/FCRB.

<sup>26</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>27</sup> Carta de Alejandro Rodriguez Bustamante a Pedro Nava. Buenos Aires, 18 de julho de 1979. PN 782/AMLB/FCRB.

<sup>28</sup> A própria autora do artigo enviou uma carta comunicando a Nava sua publicação no jornal. PN 928/AMLB/FCRB.

<sup>29</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 9 de março de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>30</sup> No caso de relatos mais pessoais decidimos não divulgar o nome do missivista.

<sup>31</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1974. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>32</sup> Trecho de carta de Ricardo Máximo a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1983. PN366/AMLB/FCRB

<sup>33</sup> Carta de Rachel Jardim a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1983. PN 471/AMLB/FCRB.

<sup>34</sup> Não citamos o nome do remetente diante de uma questão tão delicada e por vezes constrangedora.

<sup>35</sup> Nome dado aos frequentadores do Sabadoyle.

<sup>36</sup> Carta de Francisco Iglésias a Pedro Nava, Belo Horizonte, 5 de junho de 1983. PN458/AMLB/FCRB.

<sup>37</sup> Carta de Darci Ribeiro a Pedro Nava. São Francisco (EUA), 16 de fevereiro de 1982. PN 765/AMLB/FCRB..

<sup>38</sup> Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1976. PN 761/AMLB/FCRB.

<sup>39</sup> Carta de Ricardo Máximo para Pedro Nava, s.l., s.d. PN 366/AMLB/FCRB.

## Referências

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Introdução de Alcir Pécora. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). **O homem do Iluminismo**. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. Introdução de Alcir Pécora. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

GOMES, Angela Maria de Castro; CHARTIER, Roger. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HÉBRARD, Jean. “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias. A escritura pessoal e seus suportes”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. **Descirreconstrução: cultura e memória em Pedro Nava**. 1993. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 1993.

PIRES JUNIOR, Sidney Oliveira. **Embates de um intelectual modernista**. Papel do Intelectual na correspondência de Mário de Andrade. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de História, São Paulo, 2004.

TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. In: **Les Cahiers de l’Institut d’Histoire du Temps Present** - Sociabilites intellectuelles. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, mars 1992.

\_\_\_\_\_. Correspondances d’intellectuels: le cas des lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). In: **Les Cahiers de l’Institut d’Histoire du Temps Present** - Sociabilites intellectuelles. Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, mars 1992. p.70-84.

VASCONCELOS, Eliane (Org.). **Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna**. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

### **Abstract**

The organization of personal archives has contributed to the studies that involve personalities from the cultural and political world, approaching researcher and documents and stimulating researches that use non-official sources. This article focuses on Pedro Nava's archive, concentrating itself on the memorialist's received correspondence after his first book of memories, *Baú de Ossos*, published in 1972. Taking this into account one aims at mapping the social-intellectual network in which Nava circulated and that contributed for a recognition of his work as a memorialist. The epistolary exchange between Pedro Nava and other intellectuals served as an approach in the midst of a wider sociability network. The study of these personal correspondences allows one to apprehend better the webs of the Brazilian intellectual field within the selected period, based on a fragment of this wider field.

**Keywords:** Pedro Nava. Epistolography. Intellectuals. History. Personal Archive.